



CHRISTINA
LAUREN

IMPERFEITOS

Uma lua de mel no paraíso...
O que pode dar errado?

 FARO
EDITORIAL

CHRISTINA
LAUREN

IMPERFEITOS

Uma lua de mel no paraíso...
O que pode dar errado?

Tradução de Carlos Szlak

 FARO
EDITORIAL



THE UNHONEYMOONERS COPYRIGHT 2019 BY CHRISTINA HOBBS AND LAUREN BILLINGS ALL RIGHTS RESERVED. PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH THE ORIGINAL PUBLISHER, GALLERY BOOKS, A DIVISION OF SIMON & SCHUSTER, INC.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **GABRIELA DE AVILA**

Revisão **BÁRBARA PARENTE E CÉLIA REGINA DE ARRUDA**

Adaptação de capa e diagramação **VANESSA S. MARINE**

Ilustrações de capa e internas **FREEPIK**

Produção digital **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Lauren, Christina

Imperfeitos [recurso eletrônico] / Christina Lauren ; tradução de Carlos Szlak. — São Paulo: Faro Editorial, 2022.

ISBN: 978-65-5957-128-4 (RECURSO DIGITAL)

Título original THE UNHONEYMOONERS

1. Ficção norte-americana 2. Ficção romântica I. Título II. Szlak, Carlos

20-0869

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



1^a edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por **FARO EDITORIAL**

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville - Barueri - SP - Brasil
CEP: 06473-000
WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



Para Hugues de Saint Vincent.

Trabalhe como um capitão, divirta-se como um pirata.

SUMÁRIO

Capa

Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

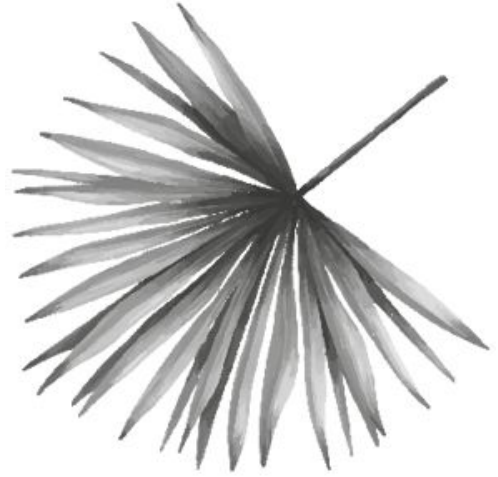
Capítulo 19

Capítulo 20

Epílogo

Colofon





CAPÍTULO 1

Na calmaria antes da tempestade — neste caso, o sossego antes da suíte nupcial ser invadida pelos convidados da festa de casamento —, minha irmã gêmea encara a unha recém-pintada de rosa-claro.

— Aposto que você está se sentindo aliviada por eu não ser uma noiva neurótica — ela diz, olhando para mim do outro lado do quarto e sorrindo. — Aposto que você esperava que eu fosse *insuportável*.

Compartilho um olhar cúmplice com nossa prima Julieta, que está retocando as unhas dos pés de Ami e aponto para o corpete do vestido de noiva que estou me certificando de que cada lantejoula está arrumada.

— Defina noiva neurótica.

Ami volta a encontrar meus olhos, desta vez com uma expressão sem ânimo. Ela está maquiada e com um véu fofinho preso em seus cabelos escuros penteados para cima. É chocante. Quero dizer, estamos acostumadas a parecer idênticas, apesar de sabermos que somos pessoas completamente diferentes, mas isto é algo totalmente estranho: Ami é o retrato de uma noiva. De repente, sua vida não se parece em nada com a minha.

— Eu não sou uma noiva neurótica — ela se defende. — Sou uma noiva perfeccionista.

Encontro minha lista e a seguro no alto, agitando-a para chamar a atenção dela. É um papel com o título “Lista de Tarefas de Olive — Edição do Dia do Casamento” que inclui setenta e quatro (*setenta e quatro*) itens, abrangendo desde “Verificar a simetria das lantejoulas no vestido de noiva” até “Remover todas as pétalas murchas dos arranjos de mesa”.

Todas as damas de honra possuem suas próprias listas, talvez não tão longas quanto a minha de madrinha, mas igualmente caprichadas.

— Algumas pessoas considerariam estas listas um pouco exageradas — afirmo.

— Essas são as mesmas “algumas pessoas” que pagam os olhos da cara por um casamento que não chega nem aos pés do meu — minha irmã responde.

Com certeza você sabe o que dizem a respeito de profecias que se cumprem sozinhas. Vencer faz você se sentir um vencedor, e então, de alguma forma, você continua vencendo. Deve ser verdade, porque Ami ganha sempre. Em uma feira de rua, ela jogou seu nome na tigela de uma rifa e voltou para casa com um par de ingressos para uma peça de teatro. Em um bar, pôs seu cartão de visita em um copo e ganhou cervejas grátis por um ano. Ela ganhou tratamentos de beleza, livros, ingressos para estreias de filmes, um cortador de grama, uma infinidade de camisetas e até um carro.

Tudo isso para dizer que, assim que Dane Thomas a pediu em casamento, Ami viu como um desafio poupar nossos pais das despesas da festa. Na realidade, nossos pais podiam se dar ao luxo de contribuir — eles são complicados sob vários aspectos, mas o financeiro não é um deles —, mas, para Ami, dar um jeito de não ter que pagar por nada é o melhor tipo de jogo. Se a Ami antes do noivado considerava concursos como um esporte competitivo, a *noiva* Ami os encarava como as Olimpíadas.

Então, ninguém em nossa enorme família ficou surpreso quando ela planejou com sucesso uma cerimônia de casamento chique com duzentos convidados, um bufê de frutos do mar, uma fonte de chocolate e rosas multicoloridas transbordando de cada jarro, vaso e taça — e desembolsou, no máximo, mil dólares. Minha irmã rala muito para encontrar as melhores promoções e reposta todos os sorteios de Twitter, Instagram e Facebook.

Finalmente convencida de que não há lantejoulas fora do lugar, tiro o cabide de um gancho de metal preso à parede, com a intenção de levar o vestido de noiva para Ami. Porém, assim que toco nele, minha irmã e minha prima soltam um grito.

— Deixe isso aí, Ollie — ela diz. — Eu pego. Com sua sorte, você vai tropeçar, cair na vela, e o vestido vai se transformar em uma bola de fogo com lantejoulas derretidas.

Eu não discuto: ela não está errada.

AO PASSO QUE AMI É UM trevo de quatro folhas, eu sempre fui azarada. Não digo isso para ser dramática ou porque pareço azarada quando comparada a ela; é um fato. Pesquise no Google “Olive Torres, Minnesota” e você vai encontrar dezenas de artigos e uma sequência de comentários dedicados à ocasião em que escalei por dentro de uma daquelas máquinas de pegar bichinhos e fiquei presa. Eu tinha 6 anos e, quando o ursinho de pelúcia que tinha capturado não caiu, decidi entrar lá e pegá-lo.

Passei duas horas dentro da máquina, cercada por um monte de ursinhos duros, com pelo áspero e cheirando a produtos químicos. Lembro-me de olhar através do acrílico manchado com marcas de mãos e ver um desfile de rostos frenéticos gritando ordens abafadas uns para os outros. Aparentemente, quando os donos da loja explicaram aos meus pais que não eram os donos da máquina e, portanto, não tinham a chave para abri-la, o corpo de bombeiros foi chamado, seguido rapidamente por uma equipe do telejornal local, que documentou meu resgate.

Vinte e seis anos depois e — obrigado, YouTube — ainda há um vídeo circulando. Até o momento, quase quinhentas mil pessoas assistiram e descobriram que fui teimosa o bastante para escalar para dentro da máquina e azarada o bastante para prender o passador do cinto na saída e deixar minha calça para trás com os ursinhos.

Esta é apenas uma história de muitas. Então, sim, Ami e eu somos gêmeas idênticas — nós duas temos um metro e sessenta e quatro de altura, cabelos escuros, olhos castanho-escuros, nariz arrebitado e sardas —, mas é aí que as semelhanças terminam.

Nossa mãe sempre procurou abraçar as nossas diferenças para que nos sentíssemos como indivíduos e não como um conjuntinho. Sei que suas intenções eram boas, mas, desde que me lembro, nossos papéis estavam definidos: Ami é a otimista em busca da luz no horizonte, enquanto eu tendo a presumir que o céu vai desabar. Quando tínhamos três anos, mamãe até nos fantasiou de Ursinhos Carinhosos para o Halloween: Ami era o Ursinho Raio de Sol. Eu era o Ursinho Zangadinho.

E minha sorte nunca melhorou. Nunca ganhei um concurso, um bolão de escritório, um prêmio de loteria, nem mesmo uma brincadeira de prender o rabo no burro. No entanto, quebrei uma perna quando uma pessoa caiu para trás na escada e me derrubou (ela escapou ilesa); fui consistentemente sorteada para fazer a limpeza do banheiro durante todas as férias em família por um período de cinco anos seguidos; um cachorro fez xixi em mim enquanto eu tomava sol na Flórida; vários pássaros fizeram cocô em mim ao longo dos anos; e, aos 16 anos, fui atingida por um raio — sim, é sério — e sobrevivi para contar a história (mas tive que ir ao reforço escolar no verão porque perdi duas semanas de aulas no fim do ano).

Ami gosta de me lembrar de que uma vez adivinhei o número correto de doses restantes em uma garrafa de tequila pela metade. Porém, depois de beber a maioria das doses e jorrar tudo para fora, aquilo não pareceu exatamente uma vitória.

[AMI TIRA O VESTIDO DO CABIDE](#) e começa a vesti-lo no exato momento em que nossa mãe entra no quarto. Ela fica tão tensa quando vê Ami no vestido que tenho certeza de que minha irmã e eu compartilhamos o mesmo pensamento: “De alguma forma, Olive conseguiu manchar o vestido de noiva”.

Eu o inspeciono para ter certeza de que não.

Com tudo limpo, Ami gesticula para que eu feche seu zíper.

— *Mami*, você nos assustou para caramba — Ami diz.

— Ah, *mijita*, você está linda — ela diz.

Ami olha para ela, sorri e, então, parece se lembrar da lista que deixou do outro lado da suíte.

— Mãe, você entregou o *pen drive* com as músicas para o DJ? — pergunta.

— *Sí*, Amelia. Eu entreguei aquela bugiganga para aquele branquelo de trancinhas com o terno horrível.

Usando um vestido magenta impecável, mamãe cruza as pernas bronzeadas e aceita outra taça de champanhe oferecida pela atendente da suíte nupcial.

— Ele tem um dente de ouro — mamãe acrescenta. — Mas tenho certeza de que ele é muito bom no que faz.

Ami ignora o comentário e risca o quadradinho da lista. Na realidade, ela não se importa se o DJ não está de acordo com os padrões de nossa mãe ou mesmo com os dela própria. O cara é novo na cidade, e Ami ganhou seus serviços em uma rifa no hospital onde ela trabalha como enfermeira. Gratuito supera qualificado.

— Ollie — Ami diz, sem nunca desviar os olhos da lista à sua frente. — Você também precisa se vestir. Seu vestido está pendurado atrás da porta do banheiro.

— Sim, senhora.

Se há uma pergunta que nos fazem mais do que qualquer outra, é qual de nós duas é a mais velha. Acho que a resposta é bastante óbvia, porque, embora Ami seja apenas quatro minutos mais velha do que eu, ela é, sem dúvida, a líder. Enquanto crescíamos, brincávamos do que ela queria brincar, íamos aonde ela queria ir e, embora eu possa ter reclamado, na maioria das vezes eu a seguia alegremente. Ela consegue me convencer de praticamente qualquer coisa.

E é assim que acabei nesse vestido.

— Ami — chamo e abro a porta do banheiro, chocada com o que acabei de ver no pequeno espelho do banheiro. *Talvez seja a luz*, penso,

levantando a monstruosidade verde brilhante e me encaminhando na direção de um dos maiores espelhos da suíte.

Credo. Definitivamente não é a luz.

— Olive — minha irmã responde.

— Pareço uma lata gigante de refrigerante.

— É isso aí, garota! — Jules cantarola. — Talvez alguém finalmente abra essa coisa.

Mamãe tosse.

Eu fuzilo minha irmã com os olhos.

— Você realmente escolheu esse vestido? — pergunto e aponto para o decote. — Isso foi intencional?

Ami inclina a cabeça.

— Quer dizer, intencional no sentido de que ganhei a rifa da igreja batista! *Todos* os vestidos da madrinha e das damas de honra de uma só vez. Pense só no dinheiro que fiz você economizar.

— Nós somos *católicas*, Ami!

Dou-me conta do meu principal erro: não ter visto esse vestido até hoje. Mas minha irmã sempre teve um gosto impecável. No dia da prova das roupas, eu estava no escritório do meu chefe, implorando, em vão, para não ser uma entre os quatrocentos cientistas que a empresa estava demitindo. Sei que estava distraída quando Ami me enviou uma foto do vestido, mas não me lembro de ele parecer tão ruim.

Viro-me para vê-lo de outro ângulo e parece ainda pior pelas costas.

Jules surge atrás de mim, pequena e com os músculos bem delineados em seu próprio modelito verde brilhante.

— Você está gostosa nele. Confie em mim.

— *Mami*, esse decote não exhibe a clavícula da Ollie? — Ami pergunta.

— E seus *chichis* também — mamãe responde, com sua taça novamente reabastecida. Em seguida, ela toma lentamente outro longo gole.

As demais damas de honra entram na suíte e, de imediato, surge um alvoroço diante da beleza de Ami em seu vestido. Essa reação é típica da família Torres. Percebo que isso pode soar como uma observação de uma irmã amarga, mas juro que não é. Ami sempre gostou de chamar atenção e eu, não. Minha irmã praticamente brilha sob os holofotes, enquanto eu me sinto mais que feliz em ajudar a direcionar os holofotes para ela.

Ouve-se uma batida na porta da suíte. Jules a abre e vê nosso primo Diego parado diante dela. Vinte e oito anos, gay e mais bem-arrumado que eu jamais conseguiria, Diego acusou Ami de sexismo quando ela lhe disse que ele não poderia participar da turma da noiva e teria que ficar com os padrinhos do noivo. A expressão dele ao ver meu vestido indica algo...

— Eu sei — digo, desistindo e me afastando do espelho. — Está um pouco...

— Justo? — ele tenta.

— Não...

— Brilhante?

— Não... — respondo e o encaro.

— Vadia?

— Eu ia dizer *verde*.

Diego inclina a cabeça enquanto circula ao meu redor, captando o vestido de todos os ângulos.

— Eu ia me oferecer para fazer sua maquiagem, mas seria uma perda de tempo — ele diz e abana a mão. — Ninguém vai olhar para o seu rosto hoje.

— Nada de julgar, Diego — minha mãe diz, e reparo que ela não discordou da avaliação dele, apenas disse que não me julgasse.

Desisto de me preocupar com o vestido — e com quanto meus peitos ficarão à mostra. Ami volta sua atenção para a lista.

— Olive, você falou com o papai? Ele já chegou?

— Ele estava no salão da recepção quando eu cheguei aqui.

— Ótimo. — Ami risca outro quadradinho.

Pode parecer estranho que a tarefa de falar com nosso pai tenha ficado comigo e não com sua mulher — a nossa mãe —, que está sentada *bem aqui*, mas é assim que funciona em nossa família. Nossos pais não interagem diretamente; não desde que papai traiu a mamãe e ela o expulsou de casa, mas depois se recusou a se divorciar dele. Claro que ficamos do lado dela, mas já se passaram dez anos e o drama ainda é tão atual quanto no dia em que ela descobriu a traição. Não consigo pensar em uma única conversa que eles tiveram que não tenha sido filtrada por mim, Ami ou um de seus irmãos desde que papai foi embora. Percebemos desde o início que é mais fácil para todo mundo dessa maneira, mas a sensação que isso tudo me deixa é de que o amor é exaustivo.

Ami tenta alcançar minha lista, e eu me esforço para pegá-la antes; minha falta de riscos nos quadradinhos a deixariam em pânico.

— Vou até a cozinha para ter certeza de que estão preparando uma refeição especial para mim — digo.

O bufê gratuito veio com um banquete de frutos do mar que me mandaria para o necrotério.

— Tomara que o Dane também tenha pedido frango para o Ethan. — Ami faz uma careta. — Meu Deus, assim espero. Você pode perguntar?

Mudo meu humor ao ouvir o nome do irmão mais velho de Dane.

Embora Dane seja decididamente razoável, apesar de um pouco molecão para o meu gosto — pense em alguém que grita com a TV durante um jogo, que é vaidoso a respeito dos músculos e que faz um verdadeiro esforço para combinar todo o traje de malhação —, ele faz Ami feliz. Isso é o bastante para mim.

Ethan, por outro lado, é um censor babaca.

— Por quê? Ele também é alérgico?

Por alguma razão, a ideia de ter algo em comum com Ethan Thomas, o cara mais grosseiro do mundo, me deixa furiosa.

— Não — Ami responde. — Ele só é chato em relação a bufês.

Isso me faz deixar escapar uma risada.

— Em relação a *bufês*. O.k.

Pelo que já vi, Ethan é chato em relação a literalmente tudo.

Por exemplo, no churrasco do Quatro de Julho do Dane e da Ami, ele não tocou em nenhuma das comidas que passei metade do dia preparando. No Dia de Ação de Graças, ele trocou de cadeira com seu pai, Doug, só para não ter que se sentar ao meu lado. E, ontem à noite, no jantar de ensaio, toda vez que eu dava uma mordida no bolo, ou que Jules e Diego me faziam rir, Ethan esfregava as têmporas na demonstração mais dramática de sofrimento que já vi. Finalmente, desisti do bolo e fui cantar no caraoquê com papai e tio Omar. Talvez eu ainda esteja furiosa por ter desistido das três garfadas que restavam de um bolo *muito bom* por causa de Ethan Thomas.

Ami fecha a cara. Ela também não é a maior fã de Ethan, mas deve estar cansada de ter essa conversa.

— Olive, você mal o conhece.

— Conheço ele o suficiente. — Olho para ela e digo duas palavras simples. — Bolinha de queijo.

Minha irmã suspira e balança negativamente a cabeça.

— Meu Deus, você nunca vai deixar isso pra lá.

— Porque, se eu como, rio ou respiro, estou ferindo a sensibilidade delicada dele. Sabe, estive perto dele pelo menos cinquenta vezes. E ele ainda faz aquela cara como se não me reconhecesse? Você e eu somos *gêmeas*.

Natalia se manifesta enquanto penteia a parte de trás do seu cabelo. Como pode ser justo que os peitões *dela* consigam caber dentro do vestido?

— Agora é sua chance de ficar amiga dele, Olive. *Hum*, ele é tão bonito — ela diz.

Ofereço-lhe em resposta um franzir de sobrancelhas.

— Você vai ter que ir procurá-lo de qualquer maneira — Ami afirma e minha atenção retorna rapidamente para ela.

— Espere. Por quê?

Diante de minha expressão de perplexidade, Ami aponta para a minha lista:

— Número set...

Imediatamente, o pânico toma conta de mim diante da sugestão de que preciso procurar Ethan, então levanto minha mão para que Ami pare de falar. Certamente, ao olhar para minha lista, no item setenta e três — porque Ami sabia que eu não me daria ao trabalho de ler a lista inteira com antecedência —, está a pior tarefa de todas: “Faça com que Ethan lhe mostre o discurso de padrinho dele. Não deixe que ele diga algo terrível”.

Se não posso culpar a sorte por esse fardo, posso culpar a minha irmã, com toda a certeza.



CAPÍTULO 2

Assim que saio para o corredor está tudo maravilhosamente silencioso.

É o casamento da minha irmã gêmea e realmente estou feliz por ela. Porém, ainda sinto dificuldade em me manter para cima, sobretudo nesses momentos sozinha e quieta. Os últimos dois meses foram realmente um saco: minha colega de quarto se mandou e, por isso, tive de me mudar para um apartamento minúsculo. Mesmo assim, extrapolei o que achei que poderia pagar sozinha e fui despedida da empresa farmacêutica em que trabalhei por seis anos. Nas últimas semanas, fiz entrevista em nada menos que sete empresas e não tive resposta de nenhuma delas. E, agora, aqui estou eu, prestes a ficar cara a cara com meu adversário, Ethan Thomas.

É difícil acreditar que houve um tempo em que eu mal podia esperar para conhecer Ethan. As coisas entre minha irmã e seu namorado estavam começando a ficar sérias, e Ami queria me apresentar à família do Dane. No estacionamento da Feira Estadual de Minnesota, Ethan saiu do seu carro, com pernas incrivelmente longas e olhos tão azuis que consegui vê-los a dois carros de distância. Ele piscou de modo lento e convencido. Em seguida, olhou diretamente nos meus olhos, apertou minha mão e deu um sorriso torto e perigoso.

Mas então, ao que tudo indica, cometi o pecado capital de ser uma garota que comprou uma porção de bolinhas de queijo. Tínhamos parado logo depois da entrada da feira para bolar um plano para o nosso dia, e eu dei uma escapulida para buscar algo para comer. Quando voltei, Ethan olhou para mim, depois para minha deliciosa cestinha de queijo frito, então fez uma careta e se virou, resmungando alguma desculpa sobre precisar encontrar a competição de cerveja artesanal. Não pensei muito naquilo na hora, mas também não o vi mais pelo resto da tarde.

Daquele dia em diante, Ethan foi sempre desdenhoso e irritadiço comigo. O que devo pensar? Que ele passou do sorriso à aversão em dez minutos por alguma outra razão? Evidentemente, minha opinião a respeito de Ethan é a seguinte: ele pode ir se ferrar.

Vozes surgem do outro lado da porta da suíte do noivo. Ergo o punho e bato na porta. Ela se abre de maneira tão imediata que recuo com susto, prendendo o salto na bainha do vestido e quase caindo.

Ethan estende as mãos e facilmente me apanha pela cintura. Enquanto ele me devolve o equilíbrio, posso observar uma leve repulsa tomar conta dele enquanto afasta as mãos e as enfia nos bolsos. Imagino que ele pegará um lenço desinfetante assim que tiver chance.

O movimento chama minha atenção para o que ele está vestindo — um terno preto, é óbvio. Seu cabelo castanho está primorosamente penteado para fora da testa. Digo a mim mesma que suas sobrancelhas grossas e escuras são um exagero, mas elas ficam ótimas em seu rosto.

Realmente não gosto dele.

Sempre soube que Ethan era bonitão — não sou cega —, mas vê-lo vestido assim é confirmação demais para o meu gosto.

Ele faz o mesmo escaneamento em mim. Começa pelo meu cabelo — talvez esteja me julgando por usá-lo preso para trás de maneira tão simples —, então olha para minha maquiagem básica — provavelmente ele namora modelos de tutoriais de maquiagem do Instagram — até, por fim, examinar lenta e metodicamente meu vestido. Respiro fundo para resistir à vontade de cruzar os braços sobre meu peito.

Ethan ergue o queixo.

— Suponho que isso tenha sido de graça.

E *eu* suponho que acertar a virilha dele com meu joelho direito seria fantástico.

— Bela cor, você não acha?

— Você está parecendo uma jujuba.

— Ah, Ethan!

O canto de seus lábios se torce em um pequeno sorriso.

— Poucas pessoas ficam bem nessa cor, Olívia.

Pelo seu tom, percebo que não estou incluída nesse grupo.

— É Olive.

— Certo, certo — ele diz, balançando-se nos calcanhares.

— Tudo bem, isso é divertido, mas preciso ver seu discurso.

— Meu *brinde*?

— Você está corrigindo minha escolha de palavras? — agito minha mão, estendendo-a. — Deixe-me ver.

Ethan apoia o ombro casualmente contra o batente da porta.

— Não.

— É para sua segurança. Ami vai assassiná-lo com as próprias mãos se você falar alguma babaquice. Você sabe disso.

Ethan inclina a cabeça e me mede de cima a baixo. Ele tem um metro e noventa e cinco, e Ami e eu... não temos. Sua mensagem é muito clara, sem a necessidade de palavras: “Quero vê-la tentar”.

Dane aparece atrás de Ethan e sua expressão murcha assim que me vê.

— Ah, oi, Ollie. Tudo bem?

Sorrio com todos os dentes.

— Tudo ótimo. Ethan estava se preparando para me mostrar o discurso dele.

— O brinde dele?

— É.

Dane acena para voltarem para dentro.

— É sua vez — ele diz, olha para mim e explica. — Estamos jogando. Meu irmão mais velho está prestes a ser *humilhado*.

— Só um minuto. — Ethan sorri para o irmão, que se afasta, para, em seguida, virar-se para mim. Nós dois deixamos os sorrisos de lado e reassumimos nossas caras sérias.

— Você pelo menos escreveu alguma coisa? — pergunto. — Você não vai tentar improvisar, vai? Isso nunca acaba bem. Ninguém é tão engraçado de repente quanto acha que é, especialmente você.

— *Especialmente* eu?

Embora Ethan seja o retrato do carisma perto de quase todos os outros seres humanos, comigo ele é um robô.

— Bom, só se certifique de que seu *brinde* não seja um saco — digo, olho para o corredor e me lembro do outro assunto que tinha para tratar com ele. — E suponho que você já tenha conferido com a cozinha que não vai ter de comer os pratos do bufê? Caso contrário, posso fazer isso quando estiver lá embaixo.

Ethan abandona o sorriso sarcástico e o substitui por algo parecido com surpresa.

— Isso é bastante gentil de sua parte. Não, eu não pedi uma alternativa.

— A ideia não foi minha, foi da Ami — esclareço. — Ela é quem se preocupa com sua aversão a compartilhar comida.

— Não tenho problema em *compartilhar comida* — ele explica. — É que os bufês são fossas de bactérias.

— Eu realmente espero que você traga esse nível de poesia e percepção para o seu discurso.

Ethan dá um passo para trás, alcançando a porta.

— Diga a Ami que meu *brinde* é hilário e nem um pouco babaca.

Quero dizer algo atrevido, mas só aceno superficialmente com a cabeça e me viro para o corredor.

Tudo o que posso fazer é não ajustar o vestido enquanto caminho. Talvez esteja paranoica, mas acho que sinto o olhar crítico de Ethan no cintilar justo do meu vestido durante todo o caminho até os elevadores.

OS CONVIDADOS ESTÃO AGITADOS. DIEGO ESTÁ espiando o salão do banquete e relatando a localização dos convidados masculinos mais gostosos. Jules está tentando corajosamente conseguir o número de telefone de um dos padrinhos; e mamãe está ocupada dizendo para Cami dizer para papai para ele se certificar de que seu zíper não esteja aberto. Estamos todos esperando que a cerimonialista dê o sinal e mande as daminhas de honra entrarem pelo corredor.

Meu vestido parece estar ficando mais apertado a cada segundo.

Finalmente, Ethan assume seu lugar ao meu lado. Quando ele prende a respiração e depois solta o ar em um fluxo lento e controlado, isso soa como um suspiro de resignação. Sem olhar para mim, ele oferece o braço.

Embora sinta vontade de fingir que não percebo, eu aceito sua oferta e ignoro a sensação de seu bíceps curvado passando sob minha mão, ignoro a maneira como ele o flexiona só um pouco, prendendo meu braço ao seu lado.

— Ainda vendendo drogas?

— Você sabe que não é isso que eu faço.

Ethan olha para trás e depois se vira de volta. Eu o ouço tomar fôlego para falar, porém ele fica calado. Mas sei que *algo* o está incomodando.

— Seja o que for, diga logo.

— Tem a ver com a fila de damas de honra vestidas de jujuba, não é?
— pergunto.

Mesmo Ethan tem que reconhecer que há alguns corpos fantásticos na fila de damas de honra, mas, ainda assim, nenhuma de nós fica bem de cetim verde-hortelã.

— Olive Torres, a leitora de pensamentos.

Meu sorriso sarcástico se equipara ao dele.

— Celebremos este momento, senhoras e senhores. Ethan Thomas lembrou-se do meu nome três anos depois de nos conhecermos.

Ele vira o rosto para a frente, suavizando suas feições. Independentemente de como Ethan parece determinado a nunca se

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Imperfeitos"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).